

Um Fundamento Cristão

Por Dinesh D'Souza

Tradução de Marcelo Herberts

Esforços populares para levar o Cristianismo abaixo, como uma nota de rodapé na história deste país (N.T., EUA), e resgatar uma sociedade secular, irão fracassar. Por quê? Porque a fé está inextricavelmente vinculada aos nossos valores, às nossas instituições e mesmo à ciência moderna.

Vemos ser testemunhada uma tentativa agressiva por parte de líderes ateus de retratar a religião em geral, e em particular o Cristianismo, como o veneno da civilização. Considerando a idéia de Deus incompatível com a ciência e a razão, esses ateus também culpam o Cristianismo de fomentar um gênero de fanatismo comparável ao radicalismo islâmico. A solução proposta: uma sociedade completamente secular, libertada das crenças e dos símbolos cristãos.



Essa crítica que parte de livros ateus *best-sellers*, de tratados acadêmicos e de uma sofisticada rede de organizações e mídias ateias, pode ser discutida em seus próprios termos. O que ela não considera, no entanto, é o contexto mais amplo de como o Cristianismo moldou o cerne das instituições e valores dos EUA e do Ocidente. O Cristianismo é responsável inclusive por instituições seculares como a democracia e a ciência. Ele fomentou em nossa civilização valores como respeito pela dignidade humana, direitos humanos e a igualdade humana, os quais são prezados inclusive pelas pessoas do ambiente secular.

Considere a ciência. Embora houvessem muitas civilizações na história, a ciência moderna desenvolveu-se em apenas uma: a civilização ocidental. E por quê? Porque a ciência parte de uma suposição que em sua raiz é teológica, baseada na fé. É a suposição que o universo é racional e segue leis passíveis de descoberta pela razão humana.

O 'milagre' do nosso universo

A ciência está baseada no que James Trefil chama de princípio da universalidade. “O princípio diz que as leis da natureza que descobrimos aqui e agora em nossos laboratórios são verdadeiras em qualquer parte do universo e têm vigorado permanentemente”. Além do mais, as leis que governam o universo parecem ter sido escritas na linguagem da matemática. O físico Richard Feynman considerou isso “um tipo de milagre”.

Por quê? Porque o universo não precisa ser dessa forma. Não haveria uma razão em particular para que as leis da natureza que encontramos na Terra tivessem também de governar uma estrela a bilhões de anos luz de distância. Não há necessidade lógica

para um universo que obedece a regras, sem falar em regras matemáticas. Assim, de onde o homem ocidental tirou a idéia de um universo ordenado por leis? Do Cristianismo.

Os cristãos foram os primeiros a prever o universo como seguindo leis que refletiam a racionalidade de Deus o criador. Cria-se que essas leis eram acessíveis ao homem porque ele foi criado à imagem de Deus e compartilha uma porção da razão divina. Não surpreende então, que as primeiras [universidades](#) e [observatórios](#) foram patrocinados pela igreja e conduzidos por padres.

Também não surpreende que os maiores cientistas do Ocidente – Copérnico, Kepler, Galileu, Boyle, Newton, Leibniz, Gassendi, Pascal, Mersenne, Cuvier, Harvey, Dalton, Faraday, Joule, Lyell, Lavoisier, Priestley, Kelvin, Ampere, Steno, Pasteur, Maxwell, Planck, Mendel e Lemaître – eram cristãos. Gassendi, Mersenne e Lemaître eram padres. Vários deles viam suas pesquisas como demonstração do gênio criativo de Deus, tal como manifestado na Sua criação.

Se a ciência moderna tem raízes cristãs, tal é também o caso das nossas instituições políticas e valores mais básicos. Considere a famosa declaração de Thomas Jefferson na Declaração de Independência, que “[todos os homens são criados iguais](#)”.¹ Ele alegou que isso era “auto-evidente”, mas uma pessoa precisa apenas olhar para a história e para outras culturas para ver que isso não é evidente de fato. Em todos os lugares vemos evidência dramática da desigualdade humana. O ponto de Jefferson, no entanto, era que os seres humanos são moralmente iguais. Uma vida tem dignidade nem maior nem menor que outra vida.

A preciosidade e a dignidade comum a cada vida humana é uma idéia cristã. Somos iguais porque fomos criados iguais aos olhos de Deus. Essa é uma idéia de implicações significativas. Na Grécia e Roma antigas, a vida humana tinha muito pouco valor. Os Espartanos, por exemplo, lançavam criancinhas fracas nas ladeiras para que morressem. As culturas grega e romana foram erigidas sobre a escravidão.

O Cristianismo banuiu o infanticídio e a morte do mais fraco e “dispensável”, e mesmo hoje os valores cristãos são responsáveis pelo horror moral que sentimos quando ficamos sabendo dessas práticas. O Cristianismo inicialmente tolerou a escravidão – uma instituição universal naquela época – mas mobilizou gradualmente os recursos morais e políticos para pôr fim a ela. Desde o início, o Cristianismo desencorajou a escravidão de irmãos cristãos. A escravidão, o fundamento das civilizações grega e romana, definhou e desapareceu em grande medida no decurso da cristandade medieval na Idade Média.

Os primeiros movimentos para abolir completamente a escravidão se deram somente no Ocidente, e foram conduzidos por cristãos. Na era moderna, primeiro os Quakers e então os cristãos evangélicos, exigiram que desde que somos todos iguais aos olhos de Deus, nenhum homem tem o direito de governar sobre outro homem sem o seu consentimento. Essa doutrina religiosa não apenas forneceu a justificativa moral para uma anti-escravidão, mas também para a democracia. Sim, a idéia do auto-governo também tem sua raiz na suposição cristã da igualdade humana. Uma razão pela qual o

1

filósofo ateu Nietzsche odiava a democracia é que ele havia percebido a sua fundamentação religiosa.

Direitos e Cristianismo

Finalmente, considere as noções modernas de direitos humanos – o direito à liberdade de consciência, à propriedade, o direito de casar e constituir família, ou de ser tratado igualmente perante a lei – como assegurado na Declaração Universal dos Direitos Humanos das Nações Unidas. A universalidade dessa declaração está baseada nos ensinamentos particulares do Cristianismo. A premissa é que todas as vidas humanas são iguais na dignidade e valor, mas esse não é o ensino de todas as culturas e religiões no mundo. Mesmo então, é apropriado que uma doutrina cristã na sua origem deveria ser universal na sua aplicação. O Cristianismo desde o início promulgou a sua mensagem como sendo para o mundo todo.

Há alguns ateus e mesmo alguns cristãos que admitem que o teísmo e o Cristianismo têm moldado o cerne das instituições e valores da América do Norte e do Ocidente. Mas agora que temos esses valores, eles dizem, por que ainda precisamos de Deus e do Cristianismo? Estranhamente, a resposta é fornecida por Nietzsche.

Segundo a argumentação de Nietzsche, uma vez que o Deus cristão é o fundamento dos valores ocidentais, a morte de Deus precisa necessariamente significar a erosão e o colapso final desses valores. Remova a base e toda a construção vai se desintegrar lentamente. Por um tempo, Nietzsche reconheceu, as pessoas iriam por costume ou hábito continuar a respeitar a vida humana e tratar as pessoas com a mesma dignidade, mas eventualmente haveria assaltos violentos a esses valores, e práticas uma vez tidas como impensáveis, como o assassinato de pessoas consideradas inferiores ou indesejáveis, voltariam à tona. Isso é precisamente o que nós temos visto em nossa era, e Nietzsche predisse que isso iria apenas piorar.

Se nós estimamos os ideais distintivos da civilização ocidental, e cremos, como é o meu caso, que eles têm beneficiado enormemente a nossa civilização e o nosso mundo, então quaisquer que sejam as nossas convicções religiosas, não iremos eruptivamente tentar atacar as raízes religiosas de onde elas emanam. Pelo contrário, não iremos hesitar em reconhecer, não apenas no privado, mas também publicamente, o papel central que o Cristianismo tem desempenhado e ainda desempenha nas coisas que nos são mais caras.

Fonte: *USAToday.com*, 22/10/2007